REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS
ISSN: 2237-6585

DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E TEOLOGIA NOS CRISTIANISMOS: DA ANTIGUIDADE AOS NOSSOS DIAS

APRESENTAÇÃO DE DOSSIÊ

Janira Feliciano Pohlmann Cavalcanti[1]
Andreia Rosin Caprino Taborda[2]

Núcleo de Estudos Mediterrânicos/UFPR

***

A proposta para este dossiê nasce da nossa percepção sobre a escassez de trabalhos que incentivam o diálogo entre História e Teologia no espaço acadêmico brasileiro atual. Em meio às múltiplas revistas, periódicos, livros e coleções eruditas, dificilmente encontram-se discussões que propõem uma aproximação entre ambas as áreas. Tal ausência possui diversas explicações, mas ressaltamos duas que nos parecem as mais prováveis: 1) a especialização dos saberes; e 2) o receio em praticar a interdisciplinaridade – tão necessária às atuais ciências. As duas asserções dizem respeito a processos que ganharam corpo, especialmente, no contexto europeu iluminista do século XVIII, a partir do qual o fator religioso gradualmente foi desconsiderado no campo da investigação científica, além da crescente singularização das áreas de estudo ocorrida a partir do século XIX, um movimento que buscava oferecer legitimidade a cada uma das ciências que se

[1] Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná; Pós-Doutora em História pela UNESP/Campus Franca (2019 – 2021) e pela Universidade Federal do Paraná (2022 – 2024).
[2] Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná; Pós-Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná.

configurava naquele momento. Não se trata, aqui, da emissão de qualquer juízo de valor a respeito desses acontecimentos, mas da observação dos desdobramentos de tal realidade, a qual nos alcança e acaba, por vezes, limitando nossas análises.

A constatação feita não se restringe ao vínculo da História com a Teologia, já que o desconforto do diálogo entre as ciências está presente em outros pensamentos sistêmicos. Entretanto, salientamos a necessidade da interligação entre História e Teologia principalmente quando o foco da investigação histórica são os cristianismos ao longo do tempo ou temas circunscritos a esse escopo. Relacionamos o exposto à ideia de que os documentos históricos são imprescindíveis à realização do trabalho tanto do historiador quanto do teólogo que se volta ao assunto e recorte temporal apontados, porém, a documentação não traz respostas prontas. Concordamos com Edward Carr quanto à sua defesa de que a história não pode ser escrita a menos que o historiador possa atingir algum tipo de contato com a mente daqueles sobre quem está escrevendo (Carr, 1996, p.60). Ainda em consonância com o erudito:

Nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido, o que devia acontecer ou o que aconteceria, ou talvez apenas o que ele queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar. Nada disso significa alguma coisa, até que o historiador trabalhe sobre esse material e decifre-o (Carr, 1996, p.52).

Ao desenvolvermos pesquisas históricas sobre pessoas, grupos e instituições imersas no contexto dos cristianismos da Antiguidade até os dias atuais professantes dessas religiões, a análise do pensamento desses sujeitos do ponto de vista religioso torna-se importante. Da mesma maneira, aplicamos o postulado de Carr - no que tange à investigação historiográfica - à prática da Teologia (nesse caso, salientamos o ramo da Teologia histórica), a qual deve valer-se da análise contextual para a produção de um conhecimento mais eficaz.

Poder-se-ia argumentar que as doutrinas e dogmas cristãos não estão relacionados ao *métier* do fazer historiográfico, pois extrapolam o seu foco de exame. Contudo, é precisamente diante dessa hipotética colocação que nos posicionamos a fim de propor uma análise interdisciplinar, embora sendo nós conscientes e mantenedoras dos limites de cada campo de estudo. Afirmamos isso no sentido de que há produções acadêmico-teológicas de excelência em nosso país, que poderiam ser consultadas para o aperfeiçoamento da pesquisa histórica. Por outro lado, muitas vezes notamos asserções

apressadas e até mesmo distorcidas por parte de teólogos devido à debilidade do conhecimento da História. A proposta que apresentamos não implica na renúncia ao item 1 apresentado no primeiro parágrafo (a especialização dos saberes), mas almeja lidar com o item 2 (a prática da interdisciplinaridade entre História e Teologia a fim de promover um diálogo profícuo).

Nem todos os pesquisadores possuem a formação, a habilidade ou mesmo a vontade de, à maneira de Henri-Irénée Marrou, lidar com a História e a Teologia de forma imbricada. Se, por um lado, as conclusões advindas dos vínculos que o historiador francês fez sobre os cristianismos na Antiguidade e no Medievo podem apresentar equívocos, por outro lado, abriram caminho para que historiadores estudassem essas religiões sob o ponto de vista da ciência histórica.

Tomando Marrou como exemplo de historiador que promoveu um saudável diálogo entre História e Teologia e valendo-nos da reflexão do historiador e filósofo Jörn Rüsen, importa-nos "evitar o isolamento solipsista do conhecimento histórico" (Rüsen, 2015, p.286). Por mais fugidios que nos sejam os pensamentos dos homens e das mulheres do passado, podemos nos esforçar para nos aproximarmos deles, fazendo uso de tudo o que se relaciona ao aspecto humano, a fim de compreendermos, mesmo que infinitesimamente, como eles viviam e pensavam.

Reconhecer limites abre possibilidades de lidar, criativamente, com eles (o que inclui a possibilidade de transcendê-los) [...]. Reconheçamos, pois, que o pensamento histórico – no manejo interpretativo do tempo (da vida humana) – é movido pelo contrassenso da experiência da vida e sustentado pela confiança originária nos elementos prévios de sentido. Assim, seu trabalho interpretativo se há de processar de acordo com critérios devidos à humanidade dos seres humanos (Rüsen, 2015, p.287).

Ainda em tempo, salientamos que a partir do título proposto para esse dossiê, "Diálogos entre História e Teologia nos cristianismos: da Antiguidade aos nossos dias", várias abordagens metodológicas são possíveis, uma vez que há diferentes entendimentos a respeito dos conceitos de "História/história" (Martins, 2010, p. 8-9) e de "Teologia/teologia" (McGrath, 2007, p. 15-19). Além disso, é imprescindível notar que consideramos a pluralidade das vertentes cristãs que se configuraram desde a Antiguidade, alimentando formas diversificadas de entender – e de viver – "a religião de Cristo" e os discursos sobre ortodoxia e heresia.

A diversidade de abordagens teórico-metodológicas é salutar para o dossiê, uma vez que possibilita o desenvolvimento de múltiplos conhecimentos históricos e teológicos em relação aos elementos que serão tratados e o enriquecimento dos leitores. Sabemos da dificuldade em transitar entre o entendimento contextual desses conceitos – se um saber, se uma disciplina constituída etc. Entretanto, tal dificuldade é uma característica valiosa para nós: o trânsito constante entre presente e passado, com todas as dificuldades envolvidas, é o que move o trabalho do historiador (e do teólogo). O historiador, "suspenso entre duas épocas", precisa se preocupar com o discurso "do outro" das suas fontes, pois "importa certamente o que o historiador pensa. Mas também importa o que pensa o 'outro' [...] Importa, ainda, o que o historiador pensa a respeito do que o outro pensa. O texto do historiador é explicitamente dialógico" (Barros, 2016, p. 142). Estendemos a elucidação de José D'Assunção Barros à tarefa que será empreendida pelo escritor teólogo.